

15 JUNHO
1925

= ANO 1.º - NUM. 3 =

PREÇO
1\$50

O Espectro

ARTUR LEITÃO
Director político

■ PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN" ■
■ Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º - LISBOA ■

F. VALENÇA
Director artistico

Ave! Mussolini!...



A ditadura do Cesar fascista revela ao mundo a impressão
de que a Italia está atrozada de seculos!



O CONGRESSO E O HOMEM DO BIFE

É a atenção nacional uma espécie de catavento de torre. Bem pode acontecer, por isso, que o magno assunto do Congresso dos demócraticos, quando esta prosa se imprimir, já seja uma velharia mais desusada que uns mitenes da sr.^a D. Carlota Joaquina ou o tricorne do sr. D. João sexto.

Mas, ainda que tal suceda, parece-me que não será inteiramente inútil marginar esse acontecimento com duas anotações de comentário desenfasiado e leve. Desenfasiado, porque o tempo não vai para jeremiadas. Ninguém atura os profetas. E muito menos quando toquem a rebate na distraída curiosidade pública e lhe pretendam mostrar que a maioria dos fenómenos que ela considera uma transitória e epidérmica fogueira são sintomas alarmantes e de profunda raiz.

Era tolice de marca exigir que uma assembleia numerosíssima, como aquela foi, se comportasse, do começo ao fim, com a harmonia e afinação da banda da Guarda Republicana. Tinha de haver, e mau sinal seria que não houvesse, correntes desencontradas, remoinhos, embates, ressacas... Uma assembleia, qualquer que ela seja, mas principalmente uma assembleia política, não se exteriorisa com a lógica rectilínea dum estudante aplicado e seguro quando demonstra, na aula, o teorema dos calções de Pitágoras.

Através porém da barafunda aparente, das bisbilhotices de campanário, importadas das Berças para Lisboa e armadas cá no mastro grande de pimponas discursatas; não obstante as vaias irreverentes e as coléricas invectivas contra republicanos como Agatão Lança que tem nas cicatrizes do corpo a melhor demonstração da sua fé cívica; apesar de todos os pesares — ódios e despeitos, farófas e vacuidades, episódios burlescos e uiros ferinos, ancias de môcada e idolatrias feiticistas, exclusivismos sectários e hossanas á panela dos votos — certo é, patente foi que o ruído do Congresso, no decurso das várias sessões, marcou um sentido prevalecente e seguiu uma

orientação dominante: — a radical. Não louvo, nem condeno. Assiná-lo apenas, pois que a esse fluxo de radicalismo não era preciso auscultá-lo para dar por êle. Via-se latejar. Sentia-se re-fervir...

Mas como foi e porque foi que sendo incontra-dictavelmente assim, não resultou da votação do Congresso a natural consequência que de tais precedentes haveria de esperar-se? Porque não se extremaram os campos? Porque permanecem, colocadas a cuspo, duas modalidades políticas que são — ambas — necessárias á Republica e que, de futuro e cada vez mais, se tornarão divergentes e autónomas?

Não sei, não entendo... Talvez por esta fatalidade histórica que Loid George acentuou há pouco: a contradição que por toda a parte impera entre o significado intrínseco de factos que são matéria nova e a persistência de fórmulas que se tornaram velhas e que, por conseguinte, os não traduzem.

A atitude do Congresso e a eleição que dêle saiu, foram mutatis mutandis a anedocta do homem do bife. Não conhecem? Pois eu lhes conto:

Entrou uma vez, num restaurante do Porto, certo sujeito afreimado e possante. Sentou-se, percorreu a lista e, em voz arrogante, pediu ao creado:

— Um bife!

— Vem num ápice, meu amo...

— Repara bem. Não é meio bife que eu quero. Quero um bife, um bife grande que encha a travessa.

— Entendido, meu senhor.

— Ouve: e que seja do lombo, e que venha em sangue.

— Não há de ter motivos de queixa.

— Escuta: E que seja alto, e que seja fôfo, e traze-o numa travessa grande.

— A carne de hoje é tenra que nem água.

— Ah é! Pois então que o façam na grelha. E

JARRÕES...



S. C.
(General por escolha)

*Conselho Superior de Promoções,
Vá lá... Não andou mal
Em ter feito presente dos galões
De general
Ao mais assinalado dos varões
De Portugal!
Mas, como já de várias revol'ções
Foi marechal,
Ocorre perguntar:
— Que lei permite as acumulações?
— De que serve o Conselho galões dar
Afinal
A quem os tinha já no seu lugar?*

JOÃO RATÃO.

se vier numa travessa pequena, volta pelo mesmo caminho. Espera, espera aí, já me esquecia: deita-lhe umas folhinhas de agriões, porque eu sou herbívoro.

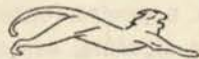
Após tantas mostras de radicalismo, o Congresso escolheu um directorio... vegetariano! Se em vez de tão avançada atitude, houvesse marcado a nota conservadora, quem demónio elegeria? Estou a ver: aclamava rei efectivo o sr. dr. Afonso Costa e rei substituto o sr. D. Manuel. Era a restauração da dinastia brigantina, porque o outro — nem assim cá vinha...

A. L.



Maximo e minimo...

O senhor Vitorino Guimarães foi o candidato mais votado na eleição do Directorio do partido Republicano Portuguez. Mais uma ocasião se confirmou a sua qualidade de Vitorino Maximo. Pela cotação da mesma lista baixou o sr. Antonio Maria da Silva a sofrer a categoria de minimo... Oscilações... da teoria dos maximos e minimos.



O SR. ALEJO

Até que enfim, foi posto em liberdade o sr. Alejo Carrera. Durante perto de cinquenta dias o sr. Alejo não alegava coisa que se se visse. E continuava preso, claro. A certa altura decidiu a alegar que o Alejo não era ele. Em face dessa formidável alegação, o sr. Alejo não esteve preso nem mais um segundo. Veio alegar cá para fóra...

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLÓNIAS

SÊDE - LISBOA - RUA DO COMERCIO

AGENCIA - LISBOA - CAES DO SODRÉ

Capital Social Esc. **48.000.000\$00** Capital Realizado Esc. **24.000.000\$00** Reservas Esc. **38.000.000\$00**

Filiaes e Agencias no Continente:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo-Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Trás-os-Montes, Vila Real de Santo António e Viseu.

Filiaes nas Ilhas:—Funchal (Madeira), Angra do Heroísmo e Ponta Delgada (Açores).

Filiaes e Agencias nas Colonias:—AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango. AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e e Ibo. INDIA:—Nova Góia, Mormugão, Bombaim (India Inglesa). CHINA:—Macau. —TIMOR:—Dilli.

Filiaes no Brazil:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

Filiaes na Europa:—Londres 9 Bishopsgate E; Paris, 8 Rue du Helder.

Agencia nos Estados Unidos:—New York, 93, Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paizes estrangeiros

CASA AFRICANA

RUA AUGUSTA, 161

LISBOA

ABERTURA DA ESTAÇÃO DE VERÃO

Grandes Exposições de todos os Artigos de Novidade recebidos directamente dos maiores e verdadeiros centros da Moda, especialmente em tecidos de seda, lã e algodões, assim como os mais chics modelos em robes, tailleurs, manteaux e chapéus para Senhora e Criança.

Secções de Camisaria e Alfaiataria para homem e Rouparia Branca para senhora. Fatinhos e Vestidinhos para criança.

Secção da Provincia: Atendem-se todos os pedidos.

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13.500.000\$00

SÊDE - Rua do Comercio, 148

LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamego, e Setúbal, e Correspondencias Privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES:—Descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e valores, e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.



Questão de cravos

UM jornalista que assistiu ao congresso democratico observou que as duas correntes daquele partido se distinguem exteriormente pelos cravos: os esquerdistas ostentavam na lapela um cravo vermelho, os conservadores um ou dois brancos.

Cremos que se trata duma generalização excessiva, porquanto em ambas as facções do P. R. P. ha muita gente que não usa cravos em parte alguma — nem na rua, nem em casa, nem nos congressos.

A observação do jornalista vale talvez como simbolo, porque na sessão do congresso a que ela se refere, preparatoria da eleição do Directorio tanto «bonzos» como «canhotos» mutuamente se julgavam encravados.

Indiferença

O capitão Pinheiro Correia, o tenente Sergio da Silva e o mecanico Manuel Antonio chegaram a Lisboa na segunda-feira de manhã. Na estação além das familias respectivas e dos bisbilhoteiros profissionais ou sejam os jornalistas, mais ninguém os aguardava.

E o que tem isso de extraordinario? Todos os dias chegam a Lisboa, por via terrestre ou maritima, capitães, tenentes e mecanicos... — dirá consigo o leitor admirado e esquecido de que esses três homens, que na segunda-feira regressaram a Lisboa, de cá partiram ha tempos, pelos ares, demandando a Guiné.

Pois são esses mesmos, os aviadores que fizeram o *raid* Lisboa-Guiné e que por lá se bateram contra o gentio. Não tinham dado por isso as estações officiaes e os patriotas que só vibram quando podem ler os proprios nomes nos jornais, em listas de subscrição?

Não nos parece mal que festivamente se tenham recebido os homens que teem voltado á patria depois de proezas aereas, o que nos parece pessimo é que o regresso destes fosse acolhido com a maior indiferença. Por muito modestos que sejam os aviadores do *raid* Lisboa-Guiné, não devem ter deixado de sentir que em Portugal é melhor ser *footballer* estrangeiro que carola da aviação nacional.

A pau

O sr. dr. Marques da Costa, presidindo a uma das sessões do congresso do P. R. P., empregou a bengala para manter a ordem. Quando a chinfreira era maior, o presidente applicava solidas e bem puxadas bengaladas — sobre o tampo da mesa presidencial.

Comentario dum velho republicano, nem «bonzo» nem «canhoto»:

— Só se perdem as que caem na mesa!...
E eram todas.

Uma opinião

UM moço congressista democratico emitiu a opinião de que os ultimos discursos é que decidiam da votação do Directorio, votação que se lhe afigurava uma melancia muito fechada, a que ninguém ainda metera a faca.

Esta opinião, além de inconveniente, porque atribue aos correligionarios uma inconsciencia que se deixa arrastar por palavras bonitas, é sobremaneira irreverente, porque admitindo que a votação fosse uma melancia aceitava implicitamente a constituição dum Directorio de... pevides.

Foguêtes e vivas

FESTIVOS estralejam, no ar calmo do primeiro dia de sol desta primavera, os mais alegres foguetes.

A que proposito, este fogo de artificio? Elucidamos o calendario que passa mais um ano sobre a morte de Camões.

Pois quê? Há assim motivo para a gente se regosijar com a morte dum português que, embora não filiado no P. R. P., prestou alguns serviços ao seu país?

Estranha e indecifrável em seus designios é esta raça lusiada, que deita foguêtes por ter morrido Camões, depois de ter dado vivas ao cidadão Boga, do Seixal!...

O MELRO.



O cancionero do «Espectro»

III

Oh pirilau, pirilau
Quem não manduca, não medra
Se o homem não é de pau,
A mulher não é de pedra...

IV

Altas torres tem teu peito...
Resposta da Conceição:
Retire-se lá das boias
Que eu não dou amarração.

V

Rouxinol canta de noite
E tambem o noitibó.
Se o burro está com a mosca,
O dono berra-lhe: chó!



DO INFORTUNIO DE SER CRITICO

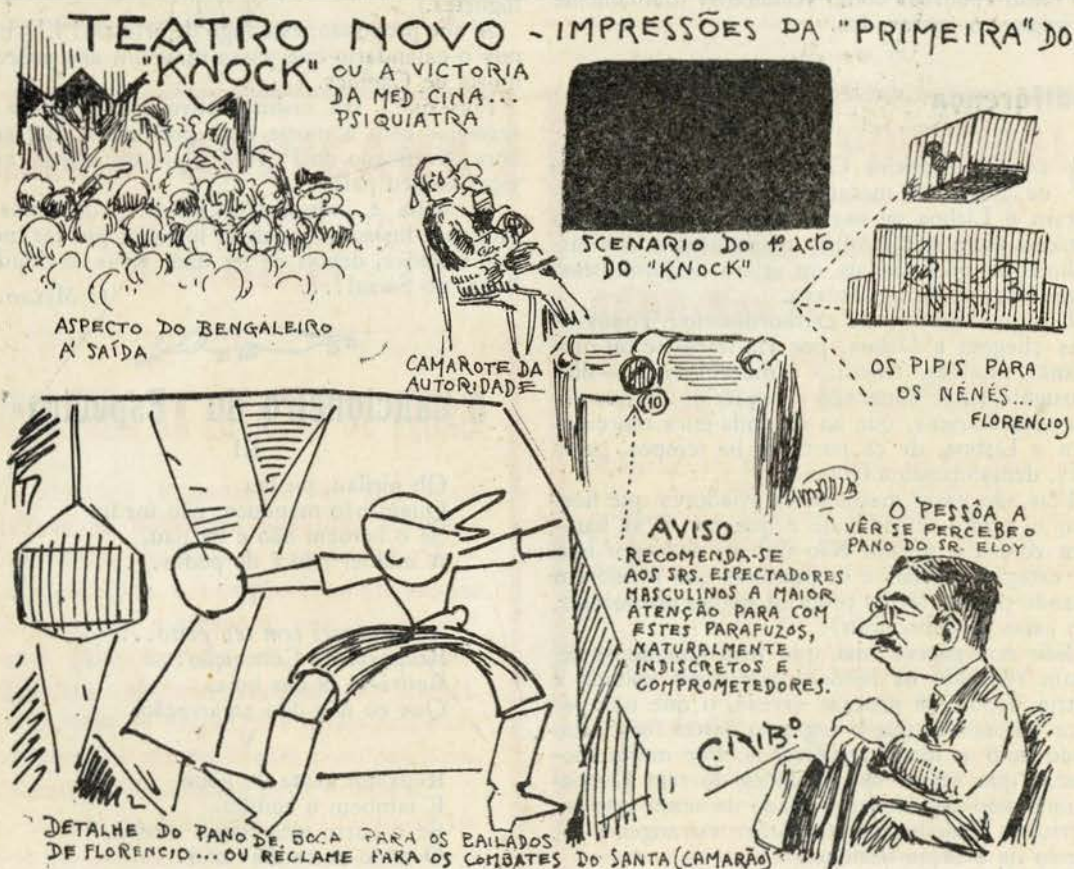
UMA noite destas tinha os meus botões todos sentados em minha volta e conversávamos, como amigos velhos que somos, acerca de mil coisas. Veio a falar-se de critica dramatica e eu disse-lhes:

— «Quando era mais novo, — isto é: quando era criança — também tive durante anos seguidos a veleidade de ser critico dramatico. Hoje que no meu canteiro o Tempo semeou a flor triste e sem perfume da experiencia, pasmo de que haja ainda quem queira exercer, quasi sempre gratuitamente, esse horrivel mister.

Em primeiro lugar, ninguem é obrigado a ir ao teatro. A Associação dos empresarios ainda não conseguiu dos governos a lei do serviço teatral obrigatorio e, no dia em que os cartazes, anúncios e reclames nos participam em altos brados que no teatro tal sob á scena mais uma obra prima do illustre dramamifero ou comediorragico Fulano, podemos muito bem ficar em casa, com os pés para o fogo, a tirarmos carrapetas do nariz. Debalde o autor se serviu de todas as artimanhas para nos atrair. Certo dia um jornal declarou que o illustre Fulano tencionava escrever uma obra mestra. E nós dissemos connosco: — «Pois sim, meu anjo!». Daí a tempos, a mesma gazeta ou outra comunicou-nos que a obra mestra tinha sido lida numa roda de amigos e o autor apenas estava hesitante sobre o teatro a

que destina-la. Encolhemos os ombros e pensámos noutra coisa. E, quando, por fim, a filha do Guttemberg nos explicou que a peça em questão já tinha tablado escolhido e entrara em ensaios, com uma distribuição maravilhosa, afim de constituir o acontecimento da época, nós cantamos despreocupadamente o *Passarinho trigueiro*. Quando chega a noite da primeira, acabamos de jantar, vestimos um casaco de andar por casa, vamos á estante buscar um livro e, antes de nos enfiarmos na cama, lemos cincoenta paginas de Anatole, do Eça, ou de quem mais nos apeteça no momento.

O critico, esse não. Porque é critico tem que ir ao teatro por força. A's vezes já sabe que se vai massar, que o espectáculo não pode ter interesse, que o autor é um bota de elástico sem talento, que a distribuição teve de ser pessima, etc. No entanto, o camarada lá vai, quanta vez de baixo de chuva e, se a festa é de cerimonia, houve que envergar o *smoking*, pôr peitinho de goma e entrometer-se nas rixas e brigas que em geral se travam entre a gravata de laço e os colarinhos de bicos. Depois não pode chegar tarde, nem sair cedo. Que se diria dum critico que entrasse no meio do primeiro acto ou puzesse as canelas em movimento antes de terminar o terceiro? Depois enquanto qualquer pode muito bem no decorrer da peça falar com a vizinha, bocejar, pensar noutra coisa e catrapiscar a mulher do proximo, o pobre critico tem que ouvir tudo, que tentar compreender tudo, muito quietinho, como se esti-



REGO CHAVES

Um nome que é um simbolo:

Rego, — porque a Provincia de Angola vai entrar no dito, sob a sua acção intelligente, patriótica e criteriosa;

Chaves, — porque vão ser abertas, enfim, as fontes de prosperidade da mais portuguesa das nossas colonias.



Entretanto, e como inicio duma fecunda e rapida acção civilisadora, os pretos vão sendo valorisados pela taboleta a branco...

vesse de castigo. Não pode permitir-se opiniões antecipadas e dizer como nós no meio da representação: — «Bravo! Muito bem!» ou então: — «Que grande massada!»

Nos intervalos deve manter igualmente uma atitude reservada de modo que, em torno, os beócios digam uns aos outros a meia voz: — «Lá vai Fulano! Está a pensar. O que estará ele pensando?»

Terminada a função, enquanto voltamos para casa e chegados à esquina da rua não nos lembramos sequer do que acabamos ver ou de ouvir, o critico tem que galopar até uma redacção distante onde um chefe de tipografia lhe reserva um bocado das «Ultimas noticias» e, enquanto já risonhamos de assobio, o desgraçado ainda sua, hesitante sobre a conjugação dum infinitivo e quanta vez atrapalhado sobre o que deve escrever para ficar bem com a direcção do jornal, a empresa do teatro e a sua consciencia.

□ □ □

O critico, na hora de escrever o seu «papel», tem diante de si os bicharocos mais suscetiveis do universo: os autores, os empresarios e os actores. Dentre os autores ha alguns que escrevem peças no legitimo e louvavel proposito de alimentarem a familia e de se proverem dum par de sapatos amarelos para o verão que se avizinha. Outros não. Escrevem peças para que o mundo saiba que têm um grande talento. E, como lhes pareceu, pelo decorrer da função, que o mundo hesita um tudo nada em se convencer, quando esses moços já enervados pelos ensaios, pelas

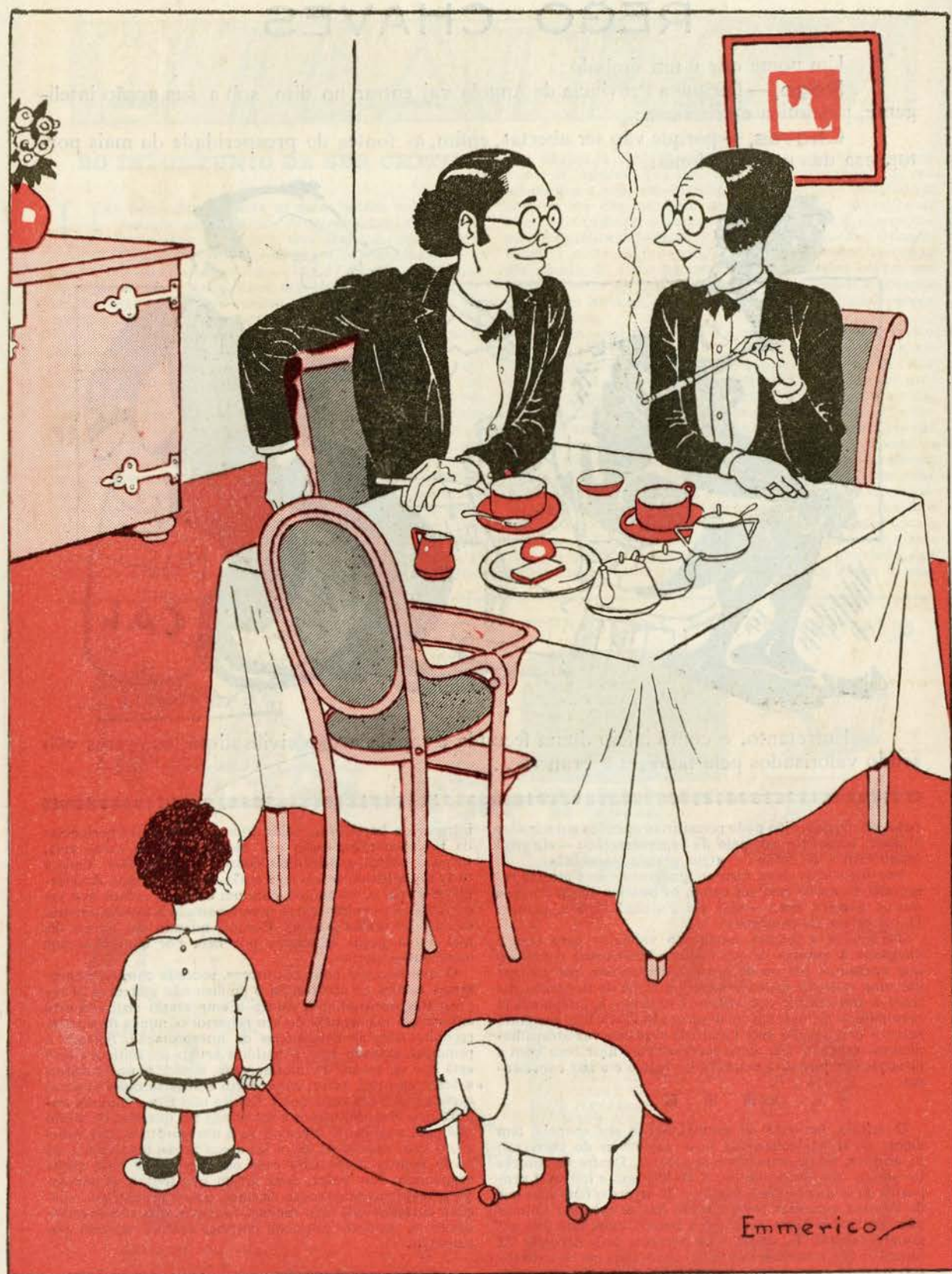
intrigas de bastidores, pelos ditos de café, pelas peripécias da representação, estão por assim dizer em carne viva, surge o critico a dizer-lhes cousas desagradaveis. Toda a furia do autor se descarrega então sobre o artigo. Amarfanha o jornal e, atirando-o para um canto, o menos que usa exclamar é: — «Isto é que é uma besta!» E imediatamente explica as razões ocultas. Porque, quando um critico diz mal duma peça, é sempre por isto, por aquilo ou por aquel'outro motivo.

O que succede com os autores, succede com os empresarios e com os actores. Se o publico não concorre às representações seguintes, nunca o empresario atribuirá esta ausencia á má escolha do seu repertorio, nunca os actores reconhecerão as deficiencias da interpretação. Sempre o principal culpado será o maldito artigo do critico. Claro está que se, apesar da má imprensa, a peça se pozer depois a fazer carreira, autor, empresario e artistas estão prontos a concordar em côro que a Critica não tem a minima importancia e muito menos o tal critico em questão. De modo que para essa gente o critico ou é um marôto ou um imbecil, o qual depois de dar á luz a sua prosa, teve de ir a pé e de guarda-chuva para casa ou que alugar uma tipografia vagabunda. Por vezes, dum artigo que irritou as populações, resultam desavenças directas, palavras amargas, relações cortadas ou, pelo menos, rancôres que vão envelhecendo e, quando parecem mortos, sempre acabam por ressurgir.

(Conclui no proximo numero.)

ANDRÉ BRUN.

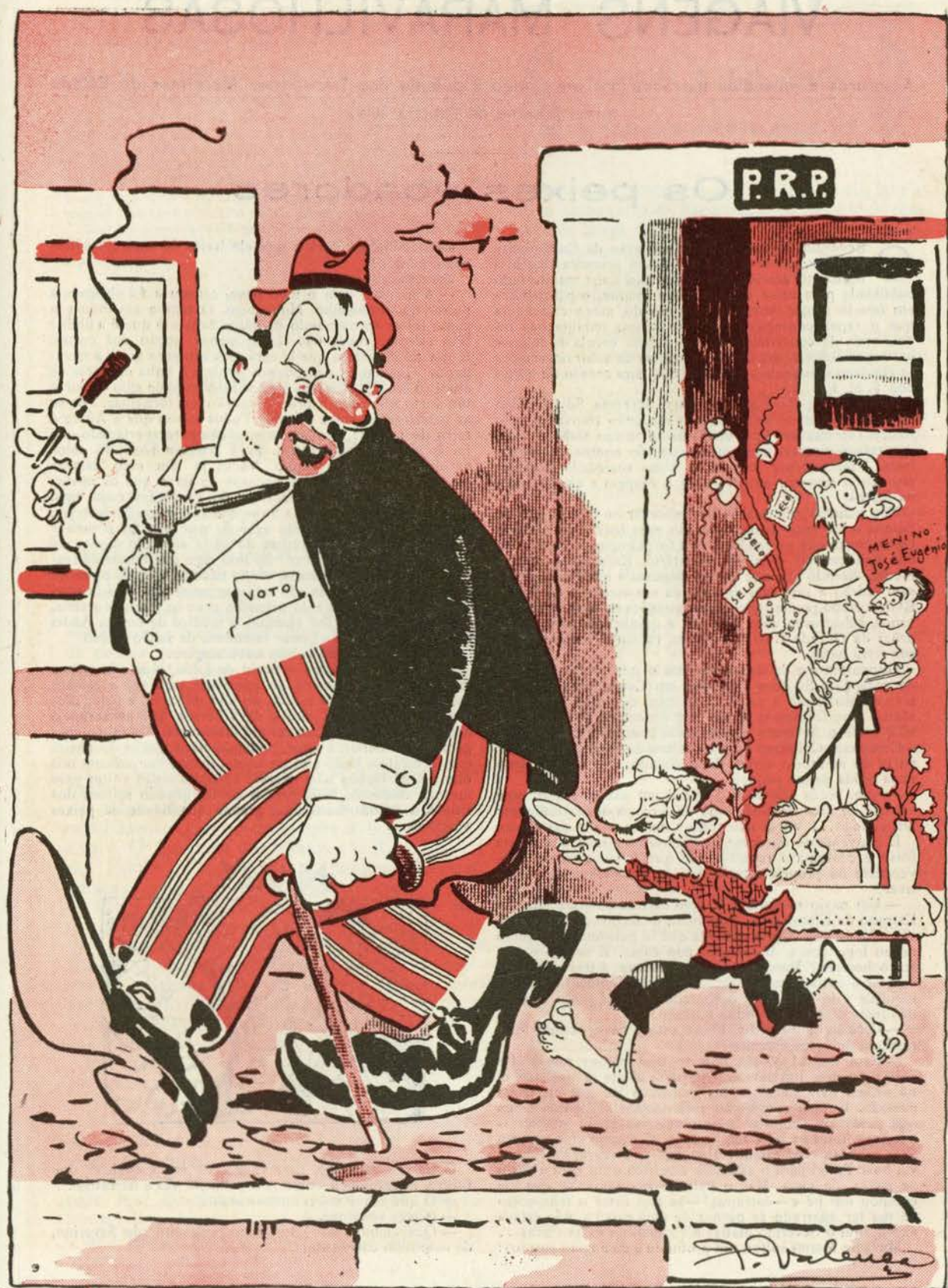
CONFUSÃO DE SEXOS...



Emmerico

O PETIZ: — Que grande trapalhada! Francamente já não sei qual dos dois é a mamã...

SANTO ANTONIO... DE LISBOA



... Para o Santo Antonio: Se és *de voto* e *livre*, dá-me o teu voto para a *cêra* do nosso Santo Antonio ... Maria!

VIAGENS MARAVILHOSAS

Aventuras e episódios narrados por um antigo tripulante dos Transportes Marítimos do Estado
numa taberna da Ribeira Nova

Os peixes voadores

O Severino Matias, robusto mocetão da Castanheira de Pera, acabava de fazer a sua primeira viagem a bordo do *Mormugão*. Como não tinha manifestado habilidade para coisa alguma neste mundo, o pai pensara em fazê-lo eleger deputado pelo círculo, mas atendendo a que o rapaz conseguira algumas ligeiras habilitações em dois anos de convivência com o mestre escola do lugar e era especialmente um barra em contas de subtrair, sempre se resolveu conseguir a sua admissão para creado de bordo nos T. M. E.

Rapazes! Aquilo é que foi galgar depressa. Só lhes digo que em menos de seis meses o maganão transferia pelo Banco Ultramarino (que ainda nesse tempo tinha o vício das transferências) nada menos de 260 contos de economias, honestamente angariadas numa sociedade irregular em que o armador entrava com a despesa e ele saía com os lucros.

Não admira pois que ao desembarcar no Entrepósito de Santos o Severino fosse esperado pelo *leader* do Partido Oportunista que pretendia a viva força impingir-lhe a pasta das finanças no próximo ministério. Escusou-se polidamente, dizendo que não estava disposto a que lhe chamassem ladrão a oito dias de vista da sua ascensão ao poder. Evitou como pôde todas as solicitações e todos os importunos, subscreveu com dois mil e quinhentos para os padrões da Grande Guerra e partiu, radiante, a caminho da sua terra natal.

Dispensem-me de descrever-lhes o que foram as festas de recepção. Só lhes digo que em Castanheira de Pera houve entusiasmo e peras. Está claro que o lar da família Matias transformou-se desde logo no centro de reunião da vila, onde o Severino era escutado com mais atenção que o Cristovam Colombo quando voltou da América. A maior parte do auditorio nunca tinha viajado, não fazia mesmo ideia nitida de um paquete.

— Sim, vocês sabem lá o que é um navio! Assim uma especie de arca de Noé, toda de ferro, a deitar fumo por um canudo... Vocês não tem a menor noção das coisas.

É conveniente observar que Severino usava muito esta frase e costumava repeti-la até que o auditorio se convencesse da propria estupidez e da veracidade da narrativa.

— Um navio moderno! Já com certeza ouviram falar do Estreito de Gibraltar... Pois bem, os navios de hoje ainda são mais largos. A primeira vez que lá passámos, o capitão notou logo que o *Mormugão* não cabia. E sabem o que fez o homem? Mandou pôr as máquinas a trabalhar lá ré e untar o costado todo com sabão mole. Depois tomou velocidade e investiu com o Estreito a toda a força. Pois se não fosse o sabão não tinha passado!

— Oiça lá, sr. Severino. E não estava nessa ocasião mais nenhum navio no Estreito?

— Essa agora! Vocês não tem a menor noção das coisas. Quando um navio moderno se avista lá do Estreito, há ordem para saírem todos os barcos até que ele tenha passado. É uma convenção internacional. Adiante. Logo que passámos Gibraltar e entrámos em pleno Mediterraneo, assaltou-nos uma tempestade. E podem crer que era uma senhora tempestade! Mau tempo e cerração. Não se via boia. Saltei para o ascensor electrico e fui para o cesto de gavea, de vigia. Mas o balanço era tamanho que me escapou um pé e — catrapuz! — se não fosse o feliz acaso de me ter agarrado ás pernas de uma gaivota, não estava agora aqui o Severino Matias a contar-lhes estas coisas...

Madame Matias soltou um profundo e comovido suspiro:

— Coitadinho! Para o que ele havia de estar guardado neste mundo!

Severino proseguiu:

— A gaivota, com o meu peso, cansou e foi obrigada a poisar no tombadilho. Muito bem. O tempo amainou e a gente foi-se aproximando da linha. Sabem o que é a linha? Não sabem: vocês não têm a menor noção das coisas. É um fio de arame que lá está esticado para guiar a navegação. Quando os marinheiros perdem a linha ninguém os atura. Têm de andar ás cegas. Pois naquele sitio o sol é tão forte que nem é preciso carvão nas fornalhas. Põe-se as caldeiras ao sol e pronto. Todos sabem que a Africa é terra de pretos: ora está scientificamente averiguado que foi o sol que os cretoso. Para fazerem ideia do calor vou-lhes dar um exemplo. Vocês já têm com certeza ouvido falar das grandes ancoras de ferro que os navios têm á proa. As nossas pesavam 50 toneladas cada uma. Ora o sol era tão forte na linha que as ancoras derreteram, e quando o metal fundido caiu no mar não fez o menor ruido porque a temperatura da agua era pelo menos de 200 ou 220 graus. E o ar? Só lhes digo que temos de respirar com a boca fechada, senão ficamos com os pulmões assados. Eu, que ainda não sabia, arranjei com essa brincadeira uma queimadura do primeiro grau na traqueia arteria, que foi assim que lhe chamou o médico de bordo. Andei mais de dois meses a tomar linimento de sabão e oleo.

A mãe de Severino soltou novo suspiro.

— Quando chegámos á Serra da Leão, já isto ia menos mal. Vieram chamar-me ao camarote para ver a celebre montanha. A leão lá estava, no alto da serra, e pelos modos muito escamada porque dava berros que atroavam o mar todo. Palavra d'honra: até fazia medo. Os filhos chegaram-se a deitar á agua, nadando na direcção do navio, mas o capitão, lá do alto da ponte, deitou-lhe pimenta nos olhos e os bichos não tiveram remédio senão voltar pelo mesmo caminho. Mais para o norte, quando saímos dos trópicos, encontrámos uma grande quantidade de peixes voadores...



O pai de Severino, tipo antigo, de antes quebrar que torcer, interrompeu então pela primeira vez a narrativa:

— O que é que vocês encontraram?

— Peixes voadores.

— Que diabo é isso? tornou o progenitor de Severino, de sobrolho carregado.

— Meu pai não tem a menor noção das coisas! Peixes voadores são uns peixes, assim do tamanho de uma sardinha das grandes ou talvez mais, que têm umas barbatanas aos lados do corpo e voam com elas como se fossem asas...

Por unica resposta, o velhote levantou-se furibundo e assentou um tremendo estalo na cara do pobre Severino.

— Então cuidas que eu admito faltas de respeito? Então não tens vergonha de vir aqui intrujar teu proprio pai? Tudo o que para aí contaste, está bem. O calor, a queimadura do primeiro grau, as ancoras derretidas, o tamanho do navio, tudo isso é verosimil, tudo isso pode estar certo. Agora querer-me impingir que ha peixes-que voam, isso lá me parece desaforo. Lá porque ganhaste dinheiro e viste mundo não tens o direito de vir fazer pouco.

Acabou assim aquele serão em Castanheira de Pera. O Severino nunca mais disse a ninguém que tinha visto peixes voadores.

PLAUTUS.



O dedo da reacção ou os SANTOS na Republica

O sr. Sá Pereira exhibiu na Camara a sua indignação contra as prisões efectuadas por ordem da policia de segurança do Estado. Pouco antes, em palestra nos Passos Perdidos, o illustre deputado explicava a verdadeira origem de tais arbitrariedades:

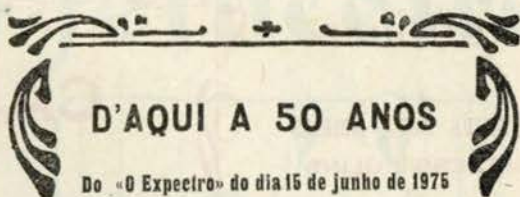
— Sente-se em toda a parte o dedo da reacção! Mantem-se o culto dos Santos. Quem é o director da policia de segurança do Estado? O Teodorico dos Santos! Quem esteve nesse logar, antes d'ele? O João Pedro dos Santos! Sempre os Santos, meus amigos. Tambem o Damião dos Santos foi director da mesma policia. E não querem que ela seja reacionaria!

E o sr. Sá Pereira, após uma breve pausa, continuou a apontar os manejos da reacção:

— Mas não é só a policia. E' toda a politica republicana. Quem anda sempre ao lado do Cunha Leal? O Carvalho dos Santos e o Raul Esteves dos Santos! Vai a gente á Camara Municipal, pergunta pelo presidente, e quem é que aparece? O Costa Santos! No Congresso do partido qual foi o congressista que mais trabalhou pela vitória da negregada lista dos bonzos? O Santos Graça! Quem falou contra a politica das esquerdas? O Santos Silva! Sempre os Santos, sempre a religião! Infelizmente, o mal vem de longe. Não foi a Republica proclamada pelo Machado... dos Santos?

Por fim, quasi em ar de confidencia, o fogoso parlamentar concluiu:

— Aqui mesmo, nas fileiras democraticas da Camara, a reacção tem as suas posições marcadas. Ali vai o Cortez dos Santos! E até o José Domingues — parece impossivel! — é dos Santos! Eu bem lhe tenho dito que deve mudar o nome para José Domingues do Registo Civil. Não ha forma! Com tantos Santos, meus amigos, isto não é uma Republica, é o reino... da côrte dos ceos!



Completoou cincoenta annos de existencia feliz o nosso semanario *O Espectro*. Aos nossos colegas que nos teem enviado telegramas de saudações, agradecemos penhoradissimos.

Vida politica

Numa entrevista concedida a um jornal, o Sr. Dr. Bernardino Machado garantiu que ainda não perdeu as esperanças de ser eleito Presidente da Republica na proxima eleição.

■ O senhor Cunha Leal desligou-se do partido comunista. Diz-se que S. Ex.^a vae ingressar, com todos os seus amigos politicos, no partido absolutista.

■ No *restaurant* Tavares foi hontem oferecido ao Sr. Dr. Antonio Fonseca, nosso ministro em Paris, um banquete de homenagem.

■ Vae ser nomeado Alto commissario de Angola o nosso ministro no Japão, general Norton de Matos.

■ O sr. Dr. Bernardino Machado está preparando um romance em fasciculos, intitulado: *A dictadura nefasta ou mais ecos do Dezembrismo*.

■ Não tem fundamento a noticia vinda a publico de que o Sr. Dr. Brito Camacho se afastava das luctas politicas.

■ O Dr. Afonso Costa, convidado para formar governo, declinou o convite, lembrando o sr. seu Mano.

Vida artistica

Exgotou-se completamente a centessima edição do livro de versos *Langorosamente*, da Sr.^a D. Virginia Vitorino.

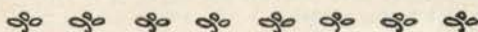
■ Deve representar-se d'aqui a dez annos no Teatro Nacional um drama original do conhecido critico Alvaro Lima.

■ Houve hontem um grande escandalo no Teatro Nacional: parece que foi ocasionado por a distincta actriz Augusta Cordeiro exigir o pape de ingenua dum novo drama do Sr. Afonso Gaiol.

■ O distincto escritor Sousa Costa acabou de editar o seu millesimo nono livro.

■ O Dr. Julio Dantas está escrevendo um livro de cronicas. Titulo: *Como Elas Os Armam*.

■ No Teatro Novo, deu-se hontem uma sena de pugilato entre os sr. Antonio Ferro e Nobre Martins, que não fizeram uzo de navalhas.

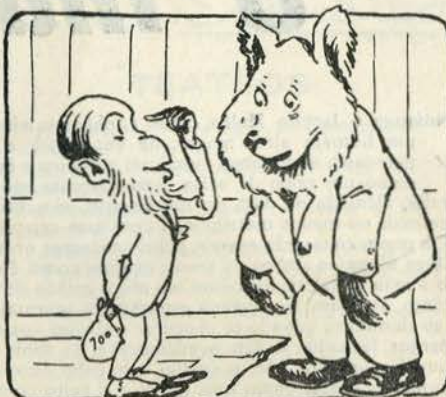


O espectro

O feiticeiro



Na Zoololandia havia um macaco que era o mais astucioso ladrão que tem vindo ao mundo, e que arranjava as coisas de maneira a nunca ser apanhado com a bôca na botija. Chamavam-lhe o *Caracol*



Uma vez roubára êle um objecto de grande valor em casa do conselheiro Urso e virá-se em risco de ser apanhado. Para se livrar, começou a dizer-se feiticeiro e que adivinharia sem custo onde se encontrava o objecto roubado.



O estratagema pegou sempre que mestre *Caracol* se via em maus lençóis, e pegou de tal modo que acabaram por acreditá-lo e depressa os animais, tão crédulos como os homens, começaram a afluír a sua casa



O «cavalheiro» pouco trabalho tinha. Meia dúzia de disparates e embolsava bela e bôa «massa» de todos os patetas a quem ia intrujando e que formavam «bicha» para o consultar.



Mas... depressa veio a conhecer as contrariedades que a excessiva popularidade pode trazer. Um dia, dois terríveis tigres de bigodes façanhudos, da guarda de Brutus XXXVII, intimaram-no a apresentar-se imediatamente no Paço.



Estão a vêr as caretas do *Caracol*. Bem se fartou êle de jurar que não era nada feiticeiro, mas o 48 da 2ª que era, não desfazendo, mais bruto que o amo, não quiz saber de desgraças e agarrando-o pela gola do casaco levou-o até ao Palácio

(Continua no proximo numero.)

O Indesejável

CONHECI o Jacinto Melro, como conheço o leitor. Era um homem alto, magro, de voz rouca e gestos nervosos, mas manso como um cordeiro e estúpido como um ramo de salsa. Aos quarenta anos a sua biografia, além da data do nascimento, só acusava um enlace mais ou menos matrimonial com uma criatura anónima, a quem conseguiu extrair, pelos processos ordinários, uns doze filhos de ambos os sexos, magros como êle, feios como a mãe e malcriados como um muro caído de fresco.

Jacinto aos dias de semana embriagava-se totalmente, mas ao domingo, quando ia procurar trabalho aos estabelecimentos fechados e não o encontrava, já sabia que a sua amada consorte, com o auxílio dum cabo de vassoura, lhe punha as costas como uma zêbra, e o peito como uma girafa.



O Melro não gostava daquelas zoologias...

Por seu lado os rapazes pediam pão em orfeon e, como o trabalho da mãe não chegava para atender a todo o corpo coral, a miséria não tardou em fazer debandar aquela tropa de insectos, espalhando-os pelas mais variadas e humildes profissões.

Serafim, o varão, teve a sorte de entrar como aprendiz de tipógrafo num grande jornal diário.

O pessoal gostava dele; o rapaz era esperto: tocava o seu bocado de guitarra, tinha uma linguagem pitoresca e imitava na perfeição o andar dos côxos, o miar dos gatos e a voz do chefe das oficinas.

Um dia veio-lhe às mãos uma velha ilustração que tratava de bombas e andava perdida entre a papelada das sobras. As gravuras despertaram-lhe a curiosidade, e a prosa que as acompanhavam iluminou-lhe os escaninhos mais reconditos da alma.

Trocou impressões sobre êsse leve ofício com dois camaradas que vadiavam no sítio e, passado tempo, começaram a andar os três pelos cafés de reputação duvidosa.

□ □ □

Certa manhã, Serafim foi abeirado na rua por um sujeito bem vestido que lhe marcou um encontro a horas mortas, para uma grande conversa, num 4.º andar do Chiado. «Tratava-se dum segredo» e falou-lhe de redenção e «que era preciso dar um golpe decisivo...»

O rapaz disse a tudo «que sim» e nessa noite, no seu

humilde catre sonhou com um cortejo de bacalhaus que atiravam patácos ao povo redentor...

□ □ □

Desde essa data, a visinhança começou a notar uma certa diferença no viver dos Melros.

O Serafim andava de fato novo e fumava de cigarreira; a mãe já não lavava para fóra, e o pai, que havia um ano se dizia paralítico, já atravessava a rua para se ir embesedar à taberna fronteira.

Ninguém explicava aquele mistério e muito menos a razão porque se reuniam até altas horas em casa do extipógrafo uns sujeitos que vinham de trem e tomavam todas as precauções para não serem vistos...

Para encurtar razões, proclamado o «Novo regime» a vida do Serafim tomou um outro aspecto: pessoas de cotação chamavam-lhe «corregião», passou a comprar a pronto na tenda e a ter uma certa influencia junto dos políticos em voga.

Lá de mês a mês recebia uma visita inesperada: um alto posto dum partido de barba «à Guise» e lunêtas vinha fazer-lhe a sua encomenda contra as direitas ou um grande bico da finança, de cara rapada e óculos, parecia a saber-se «aquela coisa» contra as esquerdas estaria pronta em certa data. A seguir recomçavam os trabalhos nocturnos a que o Serafim chamava pitorescamente *O Serão das Laranjinhas*...

□ □ □

Mas um dia, como diz o vulgo, o nosso homem entrou na *mô de baixo* e a roda principiou a desandar.

Rebentara-lhe um *foguete* nas mãos e, por mais alviças que prometesse, ninguém vinha trazer os três dedos que lhe voaram com portas e caixilhos em busca da liberdade.

Passaram-se dois anos de miséria; com a mão direita aleijada não podia trabalhar. Exgotados todos os recursos, lembrou-se então dum amigo que ocupava uma alta situação e, na esperança de que lhe valesse, resolveu-se a ir esperá-lo ao pé da Arcada.

Os boatos de alteração ferviam nessa tarde.

Serafim esperou-o à saída, junto ao automovel, mas, quando ao vê-lo aparecer ia a dirigir-se-lhe sorridente, o amigo aterado gritou à ordenança que o prendesse.

A ordem foi prontamente executada; estabeleceu-se um certo pânico e ouviram-se varias vozes: agarra que é indesejável!

— Indesejável, eu? — clamava o Serafim debatendo-se — V. Ex.ª não me conhece?

— Conheço-o perfeitamente! — Confirmava o amigo. É o Serafim das «laranjas». Tão poucas lhe encomendei eu no tempo da outra senhora...

Ruy Vaz.



BORRADA DE CEGO

Fuga... musical

E' de ginjeira este sr. Carlos de Oliveira.

Retrozeiro com a loja ás moscas, levava a vida antes da guerra, metendo agulhas por alfinetes... Hoje é político, força viva, conspirador, dono d'O Seculo e levando vida á larga, lá sabe as linhas com que se cose... Figura apagada no Unionismo, chegou a ser archote no Sidonismo. Papagaio palrador, teve assento em S. Bento...

Com os ventos contrários o archote apagou-se e recolheu a fala ao bucho. Com a aparição das «forças vivas» nesta entrovistada situação politica, começou outra vez a rabiár. Oliveira, que devia ser o simbolo da paz, é o pendão da guerra.

Em nome da ordem dá-se á desordem. E assim, com rásca na assadura da revolução do mez passado, parece que já andava a preparar outra para o mez que vem. Preso, foi pôsto a ferros... da Republica.

Esta Republica que tem ferros... curtos para uns e largos para outros, deu-lhe por carcereiro um agente de policia, batoteiro de profissão, que a trôco de alguns cobres lhe cobriu a fuga, pondo-se na perna com o prisioneiro num automovel. O Oliveira, batendo as azas, engaiolou outros conspiradores devido a um sol comprometedor. Emfim, na sua qualidade de retrozeiro, está lhe no espirito e no corpo fazer... fitas de côr de burro... quando foge.

Campo da igualdade

D'aqui para o futuro, toda a gente, bem pobre que seja, tem onde cair morto. O vereador dos cemiterios, sr. Dr. Alfredo Guisado, cosido e assado no forno... crematorio, acabou com a vala comum.

Aquele sortido de cadaveres de várias procedencias era indecoroso. Não se podia compreender á face da moral aquela promiscuidade de sexos... post mortem. E menos ainda se compreendia, devido á incompatibilidade de genios, ser-se obrigado depois de morto a viver em companhia de pessoas com as quais todos os entendimentos eram impossiveis.

Finalmente, que já sabemos onde ir dár com os ossos. E agora, que o sr. Guisado, curou a serio dos mortos, quando apparecerá, por ai qualquer sr. Fricassé que trate sem se rir dos vivos?

CARLOS SIMÕES.

Cartas do Espectro

TEATROS

Nacional.—*Naufragos*, de Fernanda de Castro.

S. Luiz.—A revistinha *Chic-Chic*, cançonetas e bailados.

Avenida.—*O mundo é assim* e *Os autores dos meus dias*.

Joaquim de Almeida.—*A Severa*.

Teatro Novo.—*Knock ou a Vitoria da medicina*.

Maria Vitoria.—*Rataplan!* em duas sessões.

Salão Foz.—*Matinées e Soirées*, com variedades em conjunto.

CINEMAS

Apolo—*Chiado Terrasse*—**Condes**—*Olimpia*—**Politeama**—**Salão Central**—*Tivoli*.



Cá está o "ESPECTRO"!...

Semanario de caricaturas

Venda avulso — 1\$50 cada exemplar.

Por assinatura, pagamento adeantado:

Serie de 26 numeros..... 39\$000

» » 52 » 78\$000

Africa e paizes estrangeiros acresce o porte

Publica-se ás segundas-feiras

Redacção e administração: Rua do Mundo, 95, 3.º—LISBOA

**Composto e impresso na Tipografia da Empresa do Anuário Comercial
Praça dos Restauradores, 24—LISBOA**

SEDUÇÃO PELA BOQUILHA



A VELHA TABAQUEIRA: — Isto é que é um rico charuto! Enquanto *arde*, vou-me deliciando ... E que *cinza*! ... Não lhes digo nada ...